

---

## A formação em pesquisa em Psicologia entre estudantes de instituições particulares

### Research training in Psychology among students from private institutions

---

**Bruno de Moraes Cury**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6016-7756>

Centro Universitário de Viçosa - UNIVIÇOSA, Brasil

E-mail: [brunocury@univicosa.com.br](mailto:brunocury@univicosa.com.br)

**João Leite Ferreira Neto**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3900-508X>

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC MINAS, Brasil

E-mail: [jleitefn@gmail.com](mailto:jleitefn@gmail.com)

---

#### RESUMO

Este estudo objetivou investigar as estratégias da formação em pesquisa entre graduandos de Psicologia. Trata-se de um estudo de casos comparativo entre três instituições particulares mineiras, no qual foram entrevistados graduandos em Psicologia através de grupos focais. Como estratégia de análise dos dados obtidos, utilizou-se a análise temática de conteúdo. Ainda que os alunos concordem que há ainda muito que melhorar no sentido da maior divulgação quando existem projetos de IC, muitos por interesse próprio se envolveram com pesquisa e tiveram experiências consideradas indispensáveis para a formação. O exercício da profissão de Psicologia precisa ser constantemente questionado e avaliado em relação às novas demandas que se apresentam, no país.

**Palavras-chave:** Formação do psicólogo; Ensino Superior privado; Pesquisa em Psicologia; Graduação em Psicologia.

---

#### ABSTRACT

This study aimed to investigate research training strategies among Psychology undergraduates. This is a comparative case study between three private institutions in Minas Gerais, in which Psychology undergraduates were interviewed through focus groups. As a strategy for analyzing the data obtained, thematic content analysis was used. Although students agree that there is still a lot to improve in the sense of greater dissemination when there are CI projects, many out of self-interest got involved with research and had experiences considered indispensable for training. The exercise of the Psychology profession needs to be constantly questioned and evaluated in relation to the new demands that present themselves in the country.

**Keywords:** Psychologist training; Private Higher Education; Research in Psychology; Degree in psychology.

---

## INTRODUÇÃO

As instituições de ensino superior (IESs) do setor privado no Brasil passaram a apresentar uma nova estrutura organizacional, a partir da entrada no mercado de grandes grupos econômicos e de um novo perfil de aluno, mais semelhante ao de consumidor, tornando-se complexas organizações de serviços (Silva, 2008). O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) registrou, em 2020, mais de 8,6 milhões de matrículas, das quais 3,2 milhões foram nas instituições privadas, correspondendo a 86% do total. Os cursos de graduação em Psicologia no país têm crescido de forma considerável, sendo que, destes, a maior parte é proveniente de instituições particulares. Dentre os 27 Estados do território nacional, Minas Gerais ocupa o segundo lugar, com 59 cursos cadastrados – representando 12,3% do total –, perdendo somente para São Paulo, o qual possui 90 deles, correspondendo a 18,8% (Ministério da Educação, 2022).

Com relação à categoria administrativa, constata-se que a maioria absoluta dos cursos, em Minas Gerais, se localiza em instituições privadas, sendo que 53 cursos correspondem a 89,8% do total. Desse número, apenas seis estão localizados em instituições públicas estaduais ou federais, representando 10,16% do total<sup>1</sup>.

Em consulta feita na Sinopse Estatística da Educação Superior, em 2022, foi encontrado um total de 696 cursos de Psicologia no Brasil, sendo 93 em IESs públicas e 603 em instituições privadas (Ministério da Educação, 2022).

No que se refere à pesquisa, apesar de as IESs particulares formarem a maioria dos psicólogos, é nas públicas que as pesquisas sobre a formação de psicólogo se concentram. Isso é compreensível, pois no setor público está a maior parte dos Programas de Pós-graduação, por outro lado, nas instituições particulares, o acesso ao campo de pesquisa é mais difícil.

Nas instituições particulares, a produção acadêmico-científica apresenta, em geral, percentual pouco significativo. Ela é obrigatória e tal produção se dá, geralmente, por meio dos trabalhos de seus docentes em formação que precisam apresentar suas dissertações ou teses (Gomes, Gonçalves & Menin, 2004). Além disso, a atuação do

---

<sup>1</sup> Dados obtidos junto ao e-MEC, um sistema de tramitação eletrônica dos processos de regulação – credenciamento e reconhecimentos de Instituições de Ensino Superior (IESs), bem como de autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento dos cursos de graduação.

docente, na maioria das universidades particulares, é focada no ensino, na extensão e na pesquisa – nesta ordem –, ao contrário das instituições públicas, nas quais a pesquisa vem em primeiro lugar, seguida do ensino e extensão (Brito & Cortela, 2020).

Ademais, devido à preocupação de instituições particulares quase que exclusivamente com o que se refere ao ensino, cumprem serviços de extensão universitária pela obrigatoriedade ou porque, com isso, obtêm ganhos com marketing em divulgações. Por fim, ressalta-se a falta fiscalização do Estado “[...] quanto ao cumprimento das normas mínimas que possibilitariam seu funcionamento e seu status universitário” (Gomes, Gonçalves & Menin, 2004, p.7).

Barreto e Filgueiras (2007) consideram que a ideia de universidade como o lugar de produção científica constitui algo muito tardio na cultura brasileira, e que aconteceu de maneira lenta e gradual. Assim, no Brasil, as universidades, de modo geral, colocavam em primeiro plano o ensino profissional e prático, enquanto, em segundo plano, se encontrava a produção da pesquisa, a fim de contribuir para o progresso da nação.

O surgimento do novo Ensino Superior (ES) privado após a Reforma de 1968 tende a ser qualitativamente distinto, em termos de natureza e objetivos, do que existia no período precedente. Trata-se de outro sistema, estruturado nos moldes de empresas educacionais voltadas para a obtenção de lucro econômico, visando o rápido atendimento de demandas do mercado educacional. Esse novo padrão, enquanto tendência, subverteu a concepção de ES ancorada na busca da articulação entre ensino e pesquisa, na preservação da autonomia acadêmica do docente, no compromisso com o interesse público, convertendo sua clientela em consumidores educacionais (Marginson, 2007).

Pereira (2007, p.34), aponta que ainda hoje são poucas as IESs no Brasil que vinculam, de fato, o ensino à pesquisa. Mesmo nas universidades que propõem em seus projetos essa associação, ela é dificultada por falta de engajamento dos professores ou ausência de verba para a pesquisa. “O que temos na grande maioria das universidades brasileiras é uma ‘universidade de ensino’ apenas, que, embora possa desempenhar um papel importante para o país, não é legitimamente ‘uma universidade de ensino e pesquisa’”. Tal situação é reflexo tanto da história do ES no Brasil como da constituição do parque científico no país, que se formou tardiamente e distante das instituições de ensino.

De acordo com Oliveira (2013), a formação científica no nível superior é indispensável para que o aluno tenha uma educação robusta e de qualidade, na qual

consiga ter uma sólida base conceitual, tenha uma postura investigativa crítica, domine o mecanismo de validação de teorias, mas, principalmente, seja capaz de construir conhecimento tanto em experiências profissionais como na pesquisa.

A realidade do mercado privado do ES em cursos de graduação em Psicologia carece de uma problematização reflexiva. Cury e Ferreira Neto (2014) entendem que isso se reflete na tendência das Comissões de Especialistas do Ministério da Educação (MEC) serem compostas por docentes de instituições públicas e em menor número docentes de confessionais, não havendo representação do setor amplamente privado, mesmo que este seja responsável pela formação do maior número de psicólogos no país.

O grande segmento plenamente privado deixava de comparecer formalmente à análise e ao debate sobre a formação, ocasionando em decorrência disso que os parâmetros mais estudados proviessem dos perfis institucionais próprios de universidades públicas, mesmo que as mesmas, quantitativamente, fossem minoritárias na formação de psicólogos no Brasil. Como o segmento privado está mais diretamente atrelado às condições de mercado, costuma ter suas decisões políticas e de gestão pelo mesmo, muitas vezes em detrimento das questões acadêmicas e pedagógicas (Cury & Ferreira Neto, 2014).

A presente pesquisa buscou conhecer o que instituições privadas oferecem em termos de formação sobre pesquisa para seus estudantes de Psicologia, afinal, segundo Ferreira Neto (2017, p.41), “a contribuição da universidade na formação do psicólogo é um elemento crucial nesse processo de favorecer ou dificultar um exercício profissional que de fato produza ações ético-políticas diferenciadas”.

O artigo teve, como objetivo principal, conhecer como o tema da formação em pesquisa é visto por alunos dos cursos de graduação em Psicologia e investigar as estratégias da formação em pesquisa durante a graduação em cursos de Psicologia em IESs particulares no Estado de Minas Gerais (Brasil).

## **MÉTODO**

A pesquisa de caráter qualitativo teve como base um estudo comparativo de casos, a partir de três instituições particulares do Estado de Minas Gerais, que oferecem cursos de graduação em Psicologia. Dentre os objetivos desse tipo de estudo, de acordo com Becker (1999), está um propósito duplo: por um lado, tenta-se chegar a uma compreensão abrangente do grupo ou situação social estudada e, por outro, busca-se desenvolver declarações teóricas mais gerais sobre regularidades do processo e estruturas sociais.

Enquanto análise documental, foi feito inicialmente uma consulta aos projetos pedagógicos das três instituições, visando identificar como a pesquisa é apresentada por eles e quais os elementos possuem para estruturar essa formação.

Como procedimento metodológico de produção de dados, foram realizados grupos focais com alunos, de três diferentes IESs mineiras, sendo uma universidade, um centro universitário e uma faculdade.

O intuito da utilização de um roteiro semiestruturado para os grupos focais foi obter as respostas para os dados que interessavam à pesquisa, ao mesmo tempo em que os estudantes pudessem também sentir-se livres para discorrer sobre outros elementos que não faziam parte das perguntas, pois, conforme expõe Flick (2009, p.143), “é mais provável que os pontos de vista dos sujeitos entrevistados sejam expressos em uma situação de entrevista com um planejamento aberto do que em uma entrevista padronizada ou em um questionário”. Os temas abordados nos grupos focais foram ligados à formação em pesquisa, tais como as estratégias que as IESs usam, a participação dos alunos em projetos, estágios e iniciação científica e a opinião geral dos estudantes.

O trabalho com grupos focais permite suscitar uma riqueza quanto à coleta de dados e fornece à pesquisa maior consistência para a análise das hipóteses. Tais grupos foram feitos com graduandos dos cursos de Psicologia, do 9º e 10º períodos, formados por estudantes de ambos os sexos, tendo por intuito obter informações a partir da perspectiva do estudante. Tentou-se averiguar, na percepção deles, como visualizam a formação de pesquisa em seus locais de referência. Para tanto, como citado anteriormente, considerou-se pertinente convidar alunos de três instituições com características diferentes, que fossem estudantes de uma universidade, um centro universitário e uma faculdade.

Os critérios de inclusão para a escolha dos estudantes foram: ter feito todos os estágios curriculares até o momento do grupo focal, estar regularmente matriculado no 9º período do curso de Psicologia e, ainda, ter disponibilidade de horário de duas horas para o grupo focal. Os critérios de exclusão de alunos, por sua vez, foram: não estar regularmente matriculado no 9º período do curso e não ter a disponibilidade de participar do grupo focal.

Como estratégia de análise dos dados obtidos, foi usada a análise temática de conteúdo, uma metodologia específica de análise quando na coleta estão presentes grupos focais. Segundo Bardin (2011), esta metodologia pode ser entendida como uma das

possibilidades derivadas da análise de conteúdo clássica. Richardson (1999, p.243), por sua vez, afirmam que a análise temática de conteúdo “consiste em isolar temas de um texto e extrair as partes utilizáveis, de acordo com o problema pesquisado, para permitir sua comparação com outros textos colhidos da mesma maneira”.

Tendo como eixo de análise a formação em pesquisa do estudante na graduação em Psicologia, e considerando a observação das respostas que mais surgiam dos entrevistados, foram construídas as seguintes categorias analíticas para a discussão do material pesquisado em campo:

- a) Projeto Pedagógico de Curso (PPC) e ligação da pesquisa com estágios curriculares e projetos de iniciação científica;
- b) Estratégias da formação em pesquisa em cursos de Psicologia em IESs particulares no Estado de Minas Gerais;
- c) Opinião geral sobre a formação em pesquisa na graduação em Psicologia.

A Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), universidade pesquisada, é uma entidade particular, confessional, uma associação de fins não econômicos, que foi criada em 24 de junho de 1948. Foi declarada entidade de utilidade pública estadual e de utilidade pública federal, por meio do Decreto nº 61.690, de 13 de novembro de 1967 (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, [201-]).

O centro universitário pesquisado, UniBH, é mantido pelo grupo Anima, que possui anos de experiência no setor de ES brasileiro. Além da União de Negócios e Administração Ltda (Una), a Anima conta com um Centro Universitário e ainda duas faculdades em municípios mineiros, detendo marcas que são reconhecidas e tradicionais, com mais de 40 anos de história (Anima Educação, 2023).

A faculdade pesquisada foi a UNIVIÇOSA, mantenedora da FAVIÇOSA, instituição de direito privado com fins lucrativos credenciada em 2004 como a Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde (FACISA), publicada no Diário Oficial da União (DOU) em 26 de agosto de 2004, por meio da Portaria nº 2.569 (União do Ensino Superior de Viçosa, 2018).

Enquanto a PUC MINAS tem um curso de tradição no Estado e no país – completados 60 anos em 2019 –, a UNIVIÇOSA iniciou a primeira turma em 2007, tendo no momento da entrevista já sete turmas formadas e com diversos profissionais atuando no mercado de trabalho. O curso do UniBH, por sua vez, é o mais recente dentre as demais

instituições pesquisadas, sendo que a primeira turma – a que participou do grupo focal – ainda não havia se formado.

Na PUC MINAS 13 alunos participaram da pesquisa (11 mulheres e um homem), em dois grupos focais do turno da manhã e um da noite. No UniBH, participaram 5 alunos (dois homens e três mulheres), em um único grupo focal realizado. No ano e mês em que se deu a pesquisa de campo, para a qual realizou-se o grupo focal, estes alunos se encontravam no 9º período escolar. Na UNIVIÇOSA, foram sete estudantes (um homem e seis mulheres), no grupo focal realizado.

Dessa maneira, o estudo foi realizado com 25 estudantes, de ambos os sexos, que se encontravam no 9º e 10º períodos, nos turnos matutino e noturno, com ênfase em Psicologia, Organizações e Sociedade (POS), Psicologia Clínica, Psicologia da Saúde ou Psicologia em Instituições Educacionais e Organizacionais, em sua formação.

No presente estudo, as denominações A1, A2, A3 e A8 representam cinco alunas da PUC MINAS, as siglas A1, A3 e A4 representam dois alunos e uma aluna pesquisados do UniBH, e as siglas A1, A2 e A7 representam um aluno e duas alunas entrevistados da UNIVIÇOSA.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

*Categoria a) Projeto Pedagógico de Curso (PPC) e ligação da pesquisa com estágios curriculares e projetos*

Em consulta ao Projeto Pedagógico de Curso de 2016, da PUC MINAS, é possível encontrar um item intitulado “articulação entre ensino, pesquisa e extensão”, do qual há os seguintes subitens:

- a) “Pesquisas nas disciplinas e estágios”;
- b) “Pesquisas com e sem financiamento, conduzidas por professores Doutores e Mestres”;
- c) “Pesquisas desenvolvidas com e sem financiamento por estudantes sob orientação de professores do curso”;
- d) “Pesquisas desenvolvidas no âmbito dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC)/monografia”, distribuída em quatro linhas (Psicologia, Direitos Humanos e Cidadania; Psicologia, Saúde e Trabalho; Psicologia e Clínica; e Psicologia e Educação);
- e) “Produção científica” (Seminário de Iniciação Científica (IC) e produção científica gerada nos eventos científicos que acontecem com regularidade pré-determinada no Curso de Psicologia: Semana da Diversidade em Psicologia; Jornada da Clínica de

Psicologia; Jornada da Ênfase Psicologia, Organizações e Sociedade; Jornada da RedePsi).

A PUC MINAS conta ainda com um Programa de Pós-Graduação em Psicologia, classificado com nota 5 pela CAPES e dois periódicos. O primeiro, Psicologia em Revista, possui Qualis A2. O segundo, Revista Pretextos, é dedicado à veiculação de artigos de alunos e professores, não possuindo ainda classificação no Qualis.

Pode-se perceber que é bem completa e detalhada a forma como são desenvolvidas as estratégias de apoio à pesquisa no curso, desta instituição. Quando há interesse por parte dos alunos, eles encontram oportunidades, como no seguinte depoimento de uma das estudantes entrevistadas:

Eu participei de uma oficina, eu acho que era... um projeto de pesquisa mesmo. Foi [...] muito divulgada aqui, mas [...] as meninas falaram do pouco investimento da Universidade. Mas acho que falta um pouco também da iniciativa, porque não é todo mundo que [se] interessa por pesquisa – eu mesma não tenho muito [...] –, mas na época [...] eu quis participar. Então, eu participei dessa oficina em projeto de pesquisa, onde foi explicado como que se escreve um [...] (A8, 2019, PUC Minas, Belo Horizonte).

O UniBH foi a única IES que não permitiu o acesso ao PPC, pois, como foi informado, não poderia ser disponibilizado devido a este estar num processo de construção. Ao se acessar o site da IES, encontra-se disponível uma aba intitulada “UniBH”, na qual comporta o subitem “pesquisa”. Ao clicar no mesmo, abrem-se vários outros subitens: “apresentação”, “programa de Iniciação Científica e tecnologia”, “revistas”, “Comitê de Ética em Pesquisa”, “Comissão de Ética no Uso de Animais” (CEUA), “Comissão Permanente de Propriedade Intelectual” (CPPI), “incentivos-congressos e publicações” e “grupos de pesquisa”. A CPPI é o órgão que mais se aproxima de uma estrutura voltada para a pesquisa:

Valorizar e proteger as obras desenvolvidas dentro do UniBH é um dos principais objetivos da Instituição. Assim, as políticas de propriedade intelectual são norteadas pela [CPPI] do Centro Universitário de Belo Horizonte, criada por meio da Portaria de n. 27, de 20 de junho de 2006. Sua missão é: ‘Orientar e conduzir os processos legais previstos na legislação, como registros e concessão e manutenção de direitos relativos à propriedade intelectual na esfera institucional’ (Centro Universitário de Belo Horizonte, [201-]).



No curso de Psicologia do UniBH, não há um coordenador de pesquisa, sendo essa função presente apenas na PUC MINAS. Uma aluna comenta sobre sua perspectiva em relação aos projetos de IC no curso:

Eu acho que sim. O processo de [IC] [...], por exemplo, aqui a gente tem uma baixa oferta [...]. A gente tem poucas pesquisas sendo conduzidas [...]. E eu entendo que na [...] [IC] a gente vai ser inserido numa pesquisa em curso [...]. Não tem uma pesquisa nessa instância sendo desenvolvida aqui, pelo menos na Psicologia não tem (A4, 2019, UniBH, Belo Horizonte).

Na UNIVIÇOSA, há ressonância com o que se encontra no PPC e no site, no que diz respeito à pesquisa. No primeiro item do Projeto, “Organização didático-pedagógica”, mais precisamente no item 1.1 – no qual constam as políticas institucionais no âmbito do curso –, pode-se observar como funciona o processo seletivo para bolsas de IC, além da descrição do Simpósio de Produção Acadêmica (SIMPAC) que acontece anualmente, a implantação da revista científica UniScientiae, a criação do Núcleo de Pesquisa e Extensão (NUPEX), além da verba destinada ao apoio de professores e alunos envolvidos em projetos de pesquisa e eventos científicos.

Há concordância, que corrobora com a avaliação de uma das alunas entrevistadas, ao fato de que quando o aluno encontra as oportunidades para trabalhar com pesquisa e tem iniciativa, encontram-se oportunidades, conforme pode-se observar pelo relato:

Como era do meu interesse, eu corri atrás e tive total apoio, em tudo o que eu fiz, tanto é que fiz duas [ICs] [...], fiz o intercâmbio, tudo em cima da pesquisa, e eu achei que para mim foi válido. Eu participei do máximo que eu pude [...], eu corri atrás [...], vi [...] os editais, [...], mas foi pouco divulgado (A1, 2019, UNIVIÇOSA, Viçosa).

A partir da análise desta categoria, pode-se inferir que a PUC MINAS tem uma articulação melhor entre o que está no Projeto Pedagógico do Curso e o que de fato oferece. No UniBH, a análise ficou limitada ao que se encontrou no site, pelo não acesso aos documentos do curso; na UNIVIÇOSA, também houve ressonância com os documentos e a prática.

*Categoria b) Estratégias da formação em pesquisa em cursos de Psicologia em IESs particulares no Estado de Minas Gerais;*

Na PUC MINAS, são várias as estratégias para a formação em pesquisa, do ponto de vista dos graduandos em Psicologia, enquanto na UNIVIÇOSA ela é considerada

restrita e limitada apenas às disciplinas de Metodologia Científica e Métodos e Técnicas de Pesquisa em Psicologia, que estão presentes na grade do curso.

Algumas alunas consideram a importância das disciplinas da grade curricular enquanto estratégias, conforme as respostas das alunas entrevistadas na PUC MINAS: “Contribui muito [...]. [...], pelo menos na minha percepção. Um meio que passo a passo, trazendo para [a] gente uma curiosidade [...]” (A2, 2019, UniBH, Belo Horizonte). Outro comentário, diante das indagações, foi:

Eu acho que essa matéria [...] [de] metodologia auxiliou muito por conta dos dois primeiros estágios que nós temos, porque [...] são voltados para pesquisa, então [...] a gente tem que montar um projeto de pesquisa [...] e depois [...] dar continuidade [...]. Então, essa matéria [...] auxilia muito para a execução desse estágio (A1, 2019, UniBH, Belo Horizonte).

De acordo com Beato e Ferreira Neto (2016), cabe indagar sobre o que os atores da formação estão refletindo e como é a interação com o campo. A pesquisa colaborativa e autorreflexiva, além do aprofundamento da concepção de justiça social, são questões-chave. Na cultura universitária, docentes e estudantes são pouco recompensados por se engajarem a fundo em projetos de extensão. O resultado disso é que se investe pouco nas comunidades locais como campos, para que se possa superar a forte divisão entre pesquisador acadêmico e profissional-pesquisador.

Fazendo uma comparação entre as três instituições pesquisadas, pode-se fazer algumas inferências. Na PUC Minas um dos alunos teve uma experiência bastante positiva com a pesquisa, durante sua formação. No que se refere à UniBH, um aluno entrevistado vai além do interesse na área de pesquisa, e vislumbra outros horizontes para sua formação:

Eu tenho muito interesse na área de pesquisa, porque tem vários campos que não são muito explorados pela Psicologia [e] que me interessam. [...] eu acho que o curso em si me forneceu meios para poder desenvolver essas pesquisas, mas [...] a gente não está vendo [...] o que [...] vai fazer, [pois estamos] [...] escolhendo ainda esses campos (A1, 2019, UniBH, Belo Horizonte).

Quanto à UNIVIÇOSA uma aluna concorda que a pesquisa acontece de forma isolada. O fato das disciplinas estarem alocadas no início do curso, facilita que o aluno as esqueça rapidamente e se distancie dos conteúdos que deveriam ser absorvidos nesta

ocasião, como pode ser observado adiante pelo comentário: “a nossa disciplina de metodologia científica foi totalmente precária, não teve [...] incentivo para a gente fazer [algum] [...] tipo de pesquisa, foi basicamente *slide*, não teve [...] o que de fato é uma pesquisa” (A2, 2019, UNIVIÇOSA, Viçosa). Outro comentário, contudo, foi o que consta abaixo:

[Foram] poucas estratégias, a gente teve apoio de um pesquisador aqui no curso [...], acho que todo mundo concorda [...] que proporcionou [...] alguma experiência maior em pesquisa. Fora ele, a gente teve muito pouco apoio para fazer pesquisa, de outros professores, [...] alguns pediam artigos, mas não explicavam como [...] tinha que fazer (A7, 2019, UNIVIÇOSA, Viçosa).

Entre todos os alunos entrevistados, a maioria teve uma experiência satisfatória de contato com a pesquisa. Contudo, pode-se afirmar também, a partir dos relatos obtidos nas três instituições, que a pesquisa se dá de maneira velada, como por exemplo, quando ocorrem por meio de projetos de pesquisa, trabalhos voltados à pesquisa e TCCs com cunho científico, que são estimulados devido ao caráter exploratório que apresentam e por fazerem parte da grade do curso.

Em duas das IESs pesquisadas, UniBH e UNIVIÇOSA, foi unânime a concordância entre os alunos de que a divulgação sobre projetos que envolvem pesquisa é insuficiente. Por outro lado, na PUC MINAS, de acordo com 10 dos 13 entrevistados, aqueles que se interessam acabam procurando e encontrando oportunidade para trabalharem com pesquisa, tanto em projetos de extensão, monitorias de estágio ou por meio dos editais de bolsa de IC.

Em todas as três IESs consideradas no estudo, seus cursos de graduação apresentaram estratégias para a formação em pesquisa, com ênfase dada pelos alunos às disciplinas de Metodologia Científica e Métodos e de Técnicas de Pesquisa em Psicologia, esta última oferecida por duas das IESs pesquisadas. Houve destaque também para o trabalho de conclusão de curso (TCC), que acaba por formar com mais consistência os alunos para a pesquisa do que as outrora supracitadas disciplinas.

*Categoria c) Opinião geral sobre a formação em pesquisa na graduação em Psicologia*

A formação em pesquisa é um tema recorrente no debate sobre formação em Psicologia no país e seu investimento tem sido apontado por diversos pesquisadores como uma das principais soluções para os problemas e deficiências na formação em Psicologia

(Francisco & Bastos, 2005; Oliveira, 2013). Uma aluna teve a oportunidade de ser monitora da coordenação de pesquisa, e infere que, para ela:

A graduação foi toda voltada para a pesquisa. Eu fui monitora da coordenação de pesquisa por um ano, e isso deu [...] uma entrada muito grande à parte acadêmica [...] do curso, que eu sinceramente não conhecia. Eu fiquei conhecendo na coordenação de pesquisa, e nisso eu comecei a gostar muito, tive contato com vários professores, com programa de pós e tudo o mais, até que eu decidi submeter ao PROBIC [Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica]. [...] quando eu submeti ao PROBIC, foi [...] o único [...] aceito [...] do ano, aqui na Psicologia. Foi ‘muuuuito’ bacana. Aí nós ficamos um ano fazendo projeto e [...] gostei demais [...]. Foi uma experiência bem bacana (A3, 2019, PUC Minas, Belo Horizonte).

Dos cinco alunos entrevistados do UniBH, dois homens e três mulheres, um aluno comenta com entusiasmo sobre como a pesquisa é trabalhada nas disciplinas do curso: “a gente teve algumas disciplinas dessas [...], sobre pesquisa, produção de texto, como fazer a pesquisa, [...], tornar a pesquisa mais focada, isso tudo inclusive a gente tem até hoje, [...] constantemente [...]” (A1, 2019, UniBH, Belo Horizonte).

Além da defesa de uma formação em pesquisa, os cursos também defendem a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão nos currículos de Psicologia. O discurso do tripé faz parte da bandeira de luta de diversos segmentos que discutem as políticas de ES, incluindo entidades acadêmicas e profissionais. No entanto, pelo caráter das políticas atuais, a desejada indissociabilidade é compensada pelo investimento das IESs privadas em modelos universitários que privilegiem o ensino, cabendo a produção científica a alguns centros de “excelência” (Melo, 2006; Neves, 2006).

Diante do que foi pesquisado, no presente estudo, infere-se que no UniBH há a turma mais recente, dentre as demais instituições, ou seja, relativamente nova e, portanto, ainda inexperiente. Contudo, os alunos mostram-se mais propícios às chances ofertadas pela instituição, como inclusive é possível notar pelo relato de uma aluna: “Eu acredito que as próximas turmas [irão ser melhores] [...], porque a pesquisa é bem apresentada para a gente, na sala. Então, eu acredito que há um interesse do curso” (A3, 2019, UniBH, Belo Horizonte).

Percebe-se que todos os cinco alunos entrevistados se mostraram mais propícios e entusiasmados em realizar pesquisa, embora não tenham dito muito a respeito de divulgações ou trabalho docente para sua incorporação em sala. Pode haver relação com

o fato de o curso ser relativamente novo, na instituição, já que é de seu interesse promover melhores meios e atrair mais alunos para o UniBH.

Na UNIVIÇOSA, relatórios e/ou projetos de estágio podem ser tornar pesquisa posteriormente, embora não seja uma regra. O fato de as disciplinas estarem alocadas no início do curso, facilita que os alunos as esqueçam rapidamente e se distancie dos conteúdos que deveriam ser absorvidos nesta ocasião, como pode ser observado pelo comentário da aluna: “a nossa disciplina de metodologia científica foi totalmente precária, não teve [...] incentivo para a gente fazer [algum] [...] tipo de pesquisa, foi basicamente slide, não teve [...] o que de fato é uma pesquisa” (A2, 2019, UNIVIÇOSA, Viçosa).

Fica evidente que a pesquisa, em qualquer âmbito do Ensino Superior, por mais precária que seja sua condição de oferta, precisa ser estimulada entre os alunos, pelo menos em seus trabalhos acadêmicos obrigatórios para avaliação parcial durante o semestre e, principalmente, nos Trabalhos de Conclusão de Cursos, pelos quais têm contato direto com a pesquisa. Se por outros meios a pesquisa não se faz presente, o professor precisa se fazer mediador entre a mesma e o aluno, para que este sempre a busque.

Contudo, a pesquisa ainda precisa ser impulsionada e ter mais valorização. Além disso, o discente tem de mostrar mais interesse, já que a instituição procura, por vezes, efetuar a divulgação e, assim, também o aluno deve buscar pela informação. Seja pela desmotivação ou falta de tempo, é preciso que o aluno invista dedicação e trabalho àquilo que se coloca a fazer, já que o professor, pela própria necessidade advinda da profissão, requer atualização, busca constantemente por novos aprendizados e especialização, o que acabará conseguindo por meio da pesquisa. Em outras palavras, enquanto o professor se vê sempre diante da pesquisa, o aluno, ao caminhar em sua formação, precisa desempenhar igual interesse para destacar-se no mercado de trabalho. Do contrário, não conseguirá obter conhecimento e habilidades necessárias que lhe deixam apto à pesquisa e resolução de problemas, quando nesse âmbito.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os grupos focais realizados permitiram a construção de respostas aos questionamentos propostos nos objetivos. Ficou evidente que a pesquisa, de maneira geral, encontra-se ainda num lugar tímido e discreto em duas das IESs pesquisadas

(UniBH e UNIVIÇOSA), ao contrário da PUC MINAS. Ainda que os alunos concordem que há ainda muito que melhorar no sentido da maior divulgação quando existem projetos de IC, muitos por interesse próprio se envolveram com projetos de pesquisa e tiveram experiências consideradas indispensáveis para a formação.

Pode-se citar que há estratégias, como por exemplo, de bolsas de IC – ainda que restritas, se comparadas às de universidades públicas –, simpósios e eventos que envolvem pesquisa, além de em todas as IESs pesquisadas terem, em seus currículos, os TCCs. Esta é a estratégia mais valorizada pelos estudantes das IESs, talvez por ser obrigatória e fazer parte de todos os currículos.

Durante o desenvolvimento deste estudo, os caminhos percorridos tornaram possível evidenciar que algumas IESs privadas têm potencial para desenvolverem mais e melhor a pesquisa nos cursos de Psicologia, embora, talvez por uma falta de foco, isso não acontece. Os dados obtidos durante a pesquisa ainda permitiram chegar à conclusão de que novas investigações devem ser feitas em outras IESs privadas, talvez até nas mesmas analisadas, para se fazer um estudo comparativo a partir do tempo, por exemplo. Isso poderia ocorrer com as possíveis novas mudanças nas diretrizes curriculares, fazendo novos questionamentos para norteá-las, como por exemplo, de como essas IESs se preparariam, e se haveria alguma mudança na forma de se conceber a pesquisa no curso.

No que diz respeito aos impasses encontrados no percurso da pesquisa, destaca-se não ter sido possível acessar o PPC do Centro Universitário pesquisado. O motivo para o não fornecimento do material é de que estaria sendo revisado, mas isso remete a um antigo problema: a falta de divulgação pública do PPC, seja qual for a graduação. Portanto, pode-se questionar o porquê do receio de fazer tal divulgação, já que se trata de algo que deveria ser público. Nas demais instituições pesquisadas –Universidade e Faculdade –, o acesso foi facilitado. No primeiro caso, isso se deu devido ao contato mantido entre o pesquisador e professores da graduação e da pós-graduação, enquanto na Faculdade, o acesso ocorreu por conta de o entrevistador compor o quadro de funcionário da instituição, e por ter sido um dos responsáveis pela elaboração do Projeto.

O presente estudo apresentou a constituição do ES e da pesquisa científica no Brasil, evidenciando um processo histórico repleto de rupturas e continuidades que contribui, de maneira geral, para o estabelecimento da graduação voltada basicamente à formação técnica e profissional do graduando, que negligencia a face de produção

científica. Outros estudos podem ser desenvolvidos em futuras pesquisas, devido às limitações encontradas e os temas que não puderam ser contemplados.

## REFERÊNCIAS

Anima Educação. **Histórico e perfil corporativo**. Disponível em: <<https://ri.animaeducacao.com.br/show.aspx?idCanal=fkP9GfmL+bUnQqsmnG+zLw==>>. Acesso em: 08 fev. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições, 2011. v. 70.

BARRETO, Arnaldo Lyrio; FILGUEIRAS, Carlos. A. L. Origens da universidade brasileira. **Química Nova**, São Paulo, v. 30, n. 7, p. 1.780-1.790, 2007

BEATO, Mônica Soares da Fonseca; FERREIRA NETO, João Leite. Formação em psicologia em uma universidade pública e suas repercussões nas competências do trabalho em políticas públicas. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 22, n. 2, p. 516-536, ago. 2016.

BECKER, Howard Saul. Observação social e estudos de caso sociais. In: **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 117-133.

BRITO, Talamira Taita R.; CORTELA, Beatriz Saleme C. A condição da docência universitária no contexto atual das universidades: marcas históricas, realidade e perspectivas. **Revista de Iniciação à Docência**, v. 5, n. 1, p. 9-23, 2020.

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BELO HORIZONTE. **Home**. [S.l., 201-]. Disponível em: <https://www.unibh.br/>. Acesso em: 16 fev. 2023.

CURY, Bruno Moraes; NETO, João Leite Ferreira. Do Currículo Mínimo às Diretrizes Curriculares: os estágios na formação do psicólogo. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 20, n. 3, p. 494-512, dez. 2014.

Ferreira Neto, João Leite. **Psicologia, políticas públicas e o SUS**. São Paulo: Escuta, 2017.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

FRANCISCO, Ana Lúcia; BASTOS, Antônio Virgílio Bittencourt. Conhecimento, formação e prática: o necessário caminho da integração. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (org.). **Psicólogo brasileiro: construção de novos espaços**. 2. ed. Campinas: Alínea, 2005. p. 71-88.

GOMES, M. A. J.; GONÇALVES, M. F. J.; MENIN, P. A. H. A necessidade da Iniciação Científica para alunos de Instituições de Ensino Superior Particulares: a possibilidade de acesso crítico ao conhecimento como pretensão à excelência. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27. [21-24 nov. 2004, Caxambu]. **Anais...** [Caxambu: s.n., 2004]. p. 1-15. Disponível em: <http://27reuniao.anped.org.br/gt11/t11116.pdf>. Acesso em: 3 dez. 2019.



MARGINSON, Simon. The public/private divide in higher education: A global revision. **Higher education**, [Amsterdam], v. 53, n. 3, p. 307-333, mar. 2007.

MELO, Adriana Almeida S.; SIQUEIRA, A. C.; NEVES, LMW. Avaliação institucional do ensino superior: controle e condução de política educacional, científica e tecnológica. In: SIQUEIRA, A. C.; NEVES, L. M. W. (org.). **Educação superior: uma reforma em processo**. São Paulo: Xamã, 2006, p. 125-145.

Ministério da Educação. **Censo da Educação Superior: Resultados do Censo da Educação Superior 2022 disponíveis**. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-da-educacao-superior/resultados-do-censo-da-educacao-superior-2022-disponiveis>>. Acesso em 18 fev. 2022.

NEVES, Lucia Maria Wanderley. A reforma da educação superior e a formação de um novo intelectual urbano. In: **Educação superior: uma reforma em processo**. São Paulo: Xamã, 2006. p. 81-106.

OLIVEIRA, Andressa Maia de. **Contribuições do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) para a formação do aluno de Psicologia**. 2013. 101 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal 2013.

PEREIRA, Elisabete MA. **Universidade e educação geral: para além da especialização**. Campinas: Alínea, 2007.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. **Informações institucionais**. [Belo Horizonte, 201-]. Disponível em: [http://www1.pucminas.br/relatorio\\_atividades\\_2010/arquivos/informacoes\\_institucionais.html](http://www1.pucminas.br/relatorio_atividades_2010/arquivos/informacoes_institucionais.html). Acesso em: 16 abr. 2023.

RICHARDSON, R. J. *et al.* **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SILVA, Gustavo Javier Castro. **O ensino superior privado: o conflito entre lucro, expansão e qualidade**. 2008. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, 2008.

UNIÃO DO ENSINO SUPERIOR DE VIÇOSA. **Cartilha FAVIÇOSA – Faculdade de Ciências e Tecnologia de Viçosa**. Viçosa: UNIVIÇOSA, 2018. 10 p.